

# **A pandemia do novo coronavírus: desigualdades sociais, saúde mental e a produção de novas subjetividades**

Mariana Luiza Almeida Barbosa

A pandemia do novo Coronavírus é uma das crises de saúde pública mais severa em décadas, surgindo em um período de grande influência neoliberal, no qual o capitalismo tem se intensificado. Nesse contexto, dentro dessa lógica capitalista, a vida da maioria das pessoas está estruturada com rotinas de muito trabalho e uso de diversas tecnologias, tendo como produto desse sistema inúmeras crises políticas e aumento das desigualdades socioeconômicas.

Entretanto, mesmo havendo um potente avanço tecnológico nos últimos anos, ainda não foi possível criar uma vacina ou medicamento em tempo recorde com a capacidade de frear essa pandemia. Sendo que, os países mais pobres são os que menos tem recursos para aquisição de materiais de higiene, maiores dificuldades para manter o distanciamento social e possuem grandes impasses para oferecer à população acesso aos serviços de saúde.

Mesmo assim, a estratégia que tem se mostrado mais eficiente é o distanciamento social. Por isso, a sociedade tem operado, em algumas circunstâncias, apenas com o funcionamento do setor essencial. Sendo assim, as escolas, as universidades, os shoppings, os cinemas, as academias e outras atividades estão paralisadas ou sendo realizadas de formas diferentes, como por exemplo, *homeworking*, compatíveis com a nova realidade que enfrentamos.

Nesse sentido, torna-se necessária a discussão sobre a saúde mental e a produção de novas subjetividades nesse momento, tendo em vista, as desigualdades socioeconômicas nesse contexto de pandemia, que perpassam a vida de muitos indivíduos e intensificam sofrimentos.

Com as escolas da rede pública e privada paradas, apenas os estudantes da rede privada possuem maior probabilidade de estudarem em casa, com aulas on-line e com professores que podem tirar dúvidas à distância. Por outro lado, os estudantes da rede pública não conseguem dar seguimento aos seus estudos, mesmo com os esforços de professores para produzirem aulas on-line, porque uma parcela dos estudantes de escolas públicas não possui acesso à internet em suas casas.

Apesar disso, o Ministério da Educação (MEC) insiste em manter a data prevista para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), sem levar em consideração a situação dos estudantes que não conseguem continuar assistindo às aulas. Com isso, podemos perceber mais um aspecto da desigualdade, que definirá qual parcela da população terá oportunidades favoráveis para a obtenção de melhores resultados em um exame nacional que sempre foi elitista, produzindo assim, sérias consequências nas vidas desses estudantes que não terão possibilidade de manter a qualidade dos seus estudos em casa. Dessa forma, observamos que não há o princípio da equidade, sendo aplicada a esse contexto, pois tem sido determinado quem será privilegiado e quem será engolido pelo sistema.

Nesse cenário, no qual imperam as desigualdades, de um lado, vemos através das mídias de comunicação, alguns indivíduos das camadas socioeconômicas mais privilegiadas, que podem realizar o distanciamento social sem grandes perdas, usando esse tempo para a reflexão, para aguçar a sua criatividade em suas casas, seja para inovar no trabalho remoto, seja para a adoção de rotinas que possam favorecer o bem-estar físico e psicológico, disseminando nas redes sociais, em algumas situações, a positividade tóxica, expondo fotos perfeitas, roupas e acessórios impecáveis, de estilos de vidas sem problemas ou conflitos com padrões inalcançáveis. Como consequência dessa realidade, pode ocorrer a intensificação do sofrimento de quem não possui um olhar crítico para isso e que não compreende que aquelas imagens são apenas uma pequena amostra cheia de filtros do que realmente é a vida de quem as publica.

Por outro lado, as pessoas das classes menos favorecidas precisam enfrentar o trabalho mesmo correndo riscos, outros acabam perdendo seu emprego e estão em busca do auxílio emergencial ofertado pelo governo federal para tentar suprir suas necessidades básicas. Nessas circunstâncias, há aqueles com problemas nos documentos, que não conseguem receber o benefício, os que residem em áreas remotas sem acesso à internet, os que não possuem um *smartphone*, ou que não tem habilidades para realizar o cadastro no aplicativo do governo, em decorrência da baixa escolaridade.

Nesse sentido, é necessário questionar: será que o governo que determina que o pedido do auxílio emergencial seja feito digitalmente, deseja mesmo que as pessoas recebam esse benefício? Como pessoas desempregadas, por exemplo, podem dispor de um *smartphone* com acesso à internet? Nesse viés, há ausência de uma logística eficiente que evite as aglomerações dos que vão às agências bancárias para sacar o benefício. Nesse cenário, acredito que tal medida do governo tem sido realizada de

maneira equivocada e compromete o acesso ao benefício, além de expor ao risco aqueles que são submetidos a essas aglomerações nas filas dos bancos.

Por isso, como imaginar o quanto de sofrimento cabe a essas pessoas que perdem tudo em meio a uma crise como essa e não tem nem o básico para se manter dignamente? Nesse sentido, é preciso estratégias para manter a saúde mental nesse contexto, mas como pensar em bem-estar psíquico com o medo de passar fome, ou a realidade da fome? Como tem sido para “a ralé brasileira”, denominada assim, pelo sociólogo brasileiro Jessé Souza, a qual é tão explorada, usada como força de trabalho que move a máquina econômica desse país, passar pelo sofrimento da incerteza se irá ou não ter o que comer nesses dias de pandemia que se sucedem? Realmente, passar pelo medo de ser infectado ou de ver pessoas que amam adoecidas e ainda sofrer pelas desigualdades socioeconômicas em um Estado que não tenta oferecer subsídio adequado a sua população é muito difícil, muito triste e muito revoltante.

E, para aqueles que estão em situação de rua, como conseguir água e sabão ou álcool em gel para higienizar as mãos, ou máscaras, que são tão importantes para a proteção contra a nova doença? É muito difícil ou quicá impossível em meio às ruas poder seguir todo o protocolo recomendado pelas autoridades de saúde para a população em geral em tempos de pandemia. Nesse contexto, isso acaba impulsionando ainda mais o processo de invisibilização e exclusão, intensificando o sofrimento desses indivíduos que muitas vezes são encarados como sem valor e/ou inferiores, sendo que, o próprio Estado, ainda possui medidas frágeis ou quase inexistentes para reparar o martírio dessas pessoas.

Em meio a esse contexto, estão trabalhando sob grande pressão os profissionais da saúde com uma carga cada vez mais exaustiva, no qual as emoções de medo, de raiva e de tristeza aparecem produzindo ansiedade, estresse e frustração. Pois, estes trabalhadores passam em determinados momentos pela falta de equipamento de segurança obrigatórios, pelo medo de ser infectado, ou infectar alguém próximo. Além disso, sofrem pelo distanciamento da família e ainda pelo desapontamento por não conseguir salvar a todos que chegam ao serviço de saúde.

Ademais, esses profissionais ainda se dedicam intensamente na divulgação de informações fidedignas e coerentes com os estudos científicos que têm sido realizados para que a população conheça as melhores formas de se proteger, combatendo assim, as *fake news* que circulam nas mídias digitais de maneira intensa, exercendo um grande desserviço à sociedade, promovendo o pânico e a desinformação das pessoas, ou as

deixando excessivamente preocupadas com dados que não são reais, ou as convencendo a não realizar as medidas de proteção adequadas.

Em tempos tão singulares para toda população mundial e, especificamente, brasileira, a produção das subjetividades, sejam elas coletivas ou individuais vão se transformando, pois as relações pessoais já não são as mesmas, ocorrendo ainda mais desconfiança seja nas pessoas, seja nas informações que circulam nas mídias, pois existe de forma acentuada o medo de se infectar pela nova doença. Dessa forma, a conversação face a face que existia antes, já fragilizada, por conta do avanço da tecnologia, agora com a pandemia já não é mais possível, por uma medida de segurança.

Mas, e quando essa crise de saúde pública acabar, ainda haverá chances do encontro com outro fisicamente sem nenhum receio? Ou ficará a marca desse episódio histórico de saúde implicando ainda mais nas relações interpessoais? De acordo com Schmidt *et al.*, pesquisas relatam que surtos infecciosos anteriores causaram desdobramentos desadaptativos a curto, médio e longo prazo, deixando marcas profundas em que viveu essa situação. Portanto, será que isso irá propiciar a mudança de valores, e as pessoas prezarão mais a presença física e o encontro verdadeiro com o outro, rompendo assim, a liquidez de algumas relações, essa tão discutida pelo sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman?

Nesse sentido, me arrisco a afirmar que nossa geração ficará com marcas profundas desse período que nos tem trazido e talvez, ainda nos trará muito sofrimento. Além disso, a sociedade provavelmente inovará em alguns aspectos como o modo de funcionamento de algumas atividades e irá buscar formas mais eficazes para lidar com problemas cotidianos de maneira remota, já que alguns especialistas falam que essa circunstância de distanciamento social possa se estender por mais tempo de maneira intermitente.

Essa condição pode levar a produção de sofrimentos, por conta do distanciamento e outras questões sociais provocadas pela pandemia. Por isso, torna-se importante salientar a necessidade de estratégias de autocuidado nesse contexto. Segundo Schmidt e cols., as intervenções em saúde mental para a população em geral podem incluir canais de escuta psicológica para aliviar emoções negativas e preocupações excessivas, oferta de acolhimento, ativação de uma rede de apoio, mesmo que à distância, focando nos estressores e nas dificuldades de adaptação às restrições desse período, sendo que, as estratégias para a promoção do bem-estar psicológico

podem incluir a organização de uma rotina, o cuidado com o sono, as atividades físicas, as técnicas de relaxamento e o cuidado com a exposição a informações em excesso.

Em síntese, é imprescindível a utilização de intervenções em saúde mental que promovam bem-estar psíquico, mas sem perder de vista as desigualdades que atravessam a população. Os países mais pobres, os mais atingidos, terão mais dificuldade para se reerguer e as pessoas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômicas serão as que mais sofrerão com os impactos consequentes dessa pandemia. Sendo assim, caberia ao Estado se fortalecer para assegurar ainda mais os direitos da população, porém, infelizmente, esse não tem sido o maior interesse de alguns dos atuais governos. Ademais, como as marcas desse momento podem ser duradouras, muitas pessoas podem ficar com receio de que novos surtos ocorram e isso é um comportamento adaptativo, uma medida de segurança. Mas, infelizmente até o surgimento de uma vacina ou medicamento eficaz, o medo prevalecerá e isso talvez estruturará as relações interpessoais e o ser no mundo dos indivíduos pós-pandemia.

## **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* *Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)* Submetido à Revista Estudos de Psicologia (Campinas) 2020.